FILOSOFIA PARA CRIANÇAS E LITERATURA: CONFIGURANDO DIÁLOGOS

Maria Dulcinea da Silva Loureiro[*]

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém é demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou, ou que já passou a hora de ser feliz. (Epicuro)

Introdução

Quando pensamos em Filosofia logo nos vem à cabeça um conjunto de conhecimentos sistematizados por pensadores que refletiram sobre a realidade, o ser, o conhecimento, o agir humano. No entanto, este conhecimento nem sempre pode ser compreendido pelas pessoas que não tenham acesso ao conhecimento formal, ou que não tenham uma mente "privilegiada" a filosofia fica reservada a uns poucos. Esta compreensão não é de todo falsa; o que não podemos perder de vista é que a experiência mesma do pensar a realidade é comum a todos os homens, que no seu cotidiano, precisam refletir sobre as mais variadas questões da realidade, neste sentido, a possibilidade da reflexão filosófica está rondando o homem, se manifestando na admiração diante do mundo, no espanto, na capacidade de indagar, de não aceitar as respostas prontas, definitivas. Neste sentido, concordamos com Gramsci (1991:11) quando procura demonstrar que "todos os homens são "filósofos", definindo os limites e as características desta "filosofia espontânea" peculiar a "todo mundo"(...)" e de que esta Filosofia se expressa na linguagem, no senso comum e no bom senso e na religião popular e folclore. Ou seja, todos os homens

[*] Professora de Filosofia da Educação da URCA – Universidade Regional do Cariri.

possuem a capacidade de refletir, de questionar, de pensar a realidade.

Encontramos nas crianças uma predisposição para o questionamento, uma necessidade de encontrar explicações, de buscar encontrar sentido para o mundo. As crianças, antes de naturalizar o mundo, a linguagem, os fenômenos naturais, sociais e políticos, estão ávidas para pensar sobre tudo. O mundo se configura como um enorme quebra-cabeças que ela busca compreender, encaixar, e é nesta grande aventura que a filosofia se insere, neste espanto diante da realidade, na admiração que o desconhecido causa. As crianças reelaboram, ou simplesmente assimilam um conjunto de explicações científicas, religiosas, filosóficas sobre a realidade. Sempre com indagações tipo: "por que?", "o que é isso?" ou "por que tem que ser assim?" etc., até que as crianças param de perguntar ou porque se conformaram com as respostas dadas e aprenderam que perguntar demais é inconveniente, irrita as pessoas; ou porque, na melhor das hipóteses, encontraram outros caminhos para resolverem a sua necessidade de entender e explicar as coisas ou, na pior das hipóteses, por que descobriram que as coisas são e serão sempre assim, que criança não deve incomodar os adultos mas se adaptar e procurar viver da melhor forma possível.

Mas por que será que as perguntas das crianças incomodam tanto os adultos? Por que suas hipóteses sobre as coisas não são levadas em consideração? O que assusta ao adulto? A sua falta de conhecimento sobre as coisas que os questionamentos das crianças descortina ou o incômodo de pensar que ele perdeu a capacidade de se espantar diante do mundo? São muitos os questionamentos e muitas as possibilidades de respostas; nos contentaremos com uma, qual seja, as crianças ao questionarem sobre a realidade, a linguagem, os sentimentos, estão mostrando a capacidade de refletir, filosofar, de reelaborar o conhecimento; estão mostrando a sua insatisfação diante da tentativa de condicionamento do seu corpo e da sua mente (diga-se de passagem na maioria dos casos vitoriosa), estão dizendo "nós pensamos", "temos a capacidade de refletir sobre o mundo, mas precisamos de ajuda nesta aventura."

O programa de Filosofia para crianças de Matthew Lipman

A proposta da filosofia para crianças vem ao encontro destas questões, nos incitando a refletir e agir no sentido de ajudar as crianças a refletirem sobre o mundo e sua ação nele, incentivando-a nesta busca de respostas às indagações. Mas como poderíamos trabalhar filosofia com as crianças, se até os adultos consideram a filosofia um conhecimento hermético, teórico-conceitual, que requer uma estrutura de pensamento mais elaborada, capaz de trabalhar com abstrações, deduções e inferências lógico-formais? Ao tentar trabalhar filosofia com as crianças não correríamos o risco de vulgarizar a filosofia? As propostas que se apresentam para o trabalho da filosofia na infância não pretendem inserir na educação infantil e ensino fundamental um estudo teórico sobre a filosofia como o objetivo de trabalhar as grandes teorias explicativas elaboradas pela filosofia sobre a realidade, mas, tão somente, ajudar a criança a filosofar, ou seja, a refletir, a pensar melhor sobre as questões que se apresentam. O objetivo é desenvolver o pensamento, a reflexão, a crítica e contribuir para que as crianças e os jovens sejam capazes de pensar por si próprios. Ao mesmo tempo que se insere no meio social ela precisa aprender a conviver com os outros, com as diferenças e mais, aprender a respeitá-las numa atitude investigativa, questionadora. O intuito não é impor uma postura a criança diante da realidade, mas, ao contrário, é partir do seu próprio desejo de conhecimento e de explicação.

A proposta de Matthew Lipman se apresenta como uma alternativa para quem quer trabalhar a filosofia com as crianças e os jovens, mas não é a única possibilidade[1]. O importante é que possamos inseri-los nesta aventura sobre a realidade e o próprio

[1] O CBFC – Centro Brasileiro de Filosofia para crianças – é o representante exclusivo do programa de Lipman no Brasil, e oferece cursos de formação para professores. Em Santa Catarina existe o Centro de Filosofia – Educação para o pensar com um programa próprio de novelas e manuais, semelhante em sua estrutura ao de Lipman. Para maiores informações consultar: KOHAN, Omar W. "A institucionalização de filosofia para crianças" In.: *Filosofia para crianças*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

pensar, para isto é necessário rever nossos conceitos, abalar nossas certezas e convicções a respeito de criança, filosofia.

A proposta de Matthew Lipman (1998:19) tem como pressuposto que "A melhor maneira de apresentar filosofia às crianças está baseada na comunidade de investigação." Mas no que consiste a comunidade de investigação? Seria o espaço onde "grupos de crianças deliberam juntos num processo de pensar coletivo distribuído, que também leva a julgar" (Lipman, 1994:118). Na comunidade investigativa a criança aprende a defender suas opiniões e também a rever seus pontos de vista, respeitando as idéias do grupo, escutando, dando a palavra aos outros; a comunidade se constitui num lugar onde há segurança física, emocional e intelectual. A prática investigativa é autocrítica e autocorretiva na busca de um saber compreensivo, que se realiza na comunidade que se configura como ponto de chegada e partida do diálogo filosófico.

Qual seria então o papel do professor? Caberia a ele responder as perguntas que o grupo levanta? O papel do professor é o de facilitador que está mais preocupado em que as crianças perguntem e busquem respostas do que de responder as questões. O professor "co-ordena", propõe uma forma de trabalhar; *"...está sempre ao redor dos alunos, encorajando-os a tomarem a iniciativa, construindo sobre aquilo que conseguiram formular, ajudando-os a questionar as pressuposições subjacentes de suas conclusões e sugerindo modos de chegar a respostas mais gerais.* (Idem, p.118-9)

Lipman utiliza como recurso pedagógico-metodológico as novelas filosóficas que foram escritas com a finalidade de instigar a investigação filosófica. As novelas tem o objetivo de apresentar, a partir de situações vivenciadas pelas personagens reflexões acerca das questões que a filosofia se propõe a discutir; neste sentido a criança se depara com a possibilidade de, através do diálogo que se estabelece entre ela e as personagens, os colegas e o professor, refletir e desenvolver habilidades de raciocínio, e assim, desenvolver o hábito do pensamento reflexivo e o hábito do diálogo investigativo. O pensamento reflexivo

> é aquele que cuida de si mesmo, isto é, retoma-se para se examinar melhor quanto às garantias que tem para afirmar o que está afirmando, quanto aos seus fundamentos, quanto às suas pressuposições, quanto aos significados dos conceitos que está utilizando, quanto à sua consistência, à sua coerência, etc. (Kohan, 1998:19).

A novela filosófica insere a criança e o jovem na história da filosofia através das reflexões sobre o conhecimento, a natureza, ética, estética, filosofia da linguagem, lógica e filosofia social e política. Cada novela vem acompanhada de um manual para o professor e propõe exercícios e planos de discussões a partir das idéias principais contidas nas novela. O currículo do programa de filosofia de Lipman abarca do pré-escolar (educação infantil) até o ensino médio.

O programa propõe o desenvolvimento das habilidades de raciocínio como: fazer inferências, trabalhar com deduções, descobrir coerência, saber lidar com ambigüidades, formular questões, formular relações de causalidade, compreender conexões de parte-todo, trabalhar com analogias, desenvolver conceitos, generalizar, contextualizar, construir hipóteses. Muitas dessas habilidade pressupõem trabalhar com a lógica aristotélica. O trabalho com as crianças se pauta no diálogo, na investigação, no respeito ao outro e na busca de compreensão e de sentido para os problemas que surgem na comunidade de investigação.

A proposta de Lipman que, desde 1985, com a fundação do Instituto Brasileiro de Filosofia para Crianças IBFC, chega ao Brasil é, sem dúvida, a tentativa mais significativa de trabalho de filosofia para crianças, o que, no entanto, não esgota as possibilidades de outras metodologias de abordagem da filosofia para crianças. Hoje já encontramos publicações que buscam divulgar, analisar, criticar não só o programa de Lipman, como também a possibilidade de se trabalhar filosofia com crianças. Acreditamos que o desafio está lançado e que alguns caminhos novos poderão ser trilhados.

Nos propomos a refletir agora sobre as relações entre a filosofia e a literatura com o intuito de apresentar a possibilidade de desenvolver um trabalho de filosofia com as crianças partindo da literatura infanto-juvenil produzida no Brasil; acreditando que algumas obras apresentam questões filosóficas que podem suscitar uma reflexão filosófica em sala de aula junto as crianças e jovens.

Literatura e filosofia

As relações entre literatura e filosofia podem ser pensadas a partir da forma literária de alguns textos filosóficos como os diálogos, aforismas, ensaios, tratados, meditações e fragmentos. Filosofia e literatura sempre se cortejaram, e em alguns momentos, como na Filosofia socrática e platônica, se encontram entrelaçadas; em outros se observa um afastamento em que se postulam as diferenças entre ambas. Não podemos considerar as relações entre elas sem perceber as especificidades, as diferenças e aproximações; devemos, no entanto, evitar posições extremas que podem ora negar essas diferenças, afirmando que toda filosofia é literatura, ora negar qualquer possibilidade de aproximação entre estas duas áreas do conhecimento. Ou seja, duas formas de conhecer, apreender e exprimir a realidade, tanto a filosofia quanto a literatura são manifestações do ser humano. A filosofia trabalha com conceitos e a literatura com a metáfora. Segundo Volker (*Apud* Kohn 2000:142):

> O conceito nunca poderá ser uma metáfora tanto quanto uma metáfora nunca poderá ser um conceito. O conceito define, descreve, classifica e até prevê o objeto de conhecimento. Já a metáfora transpõe a palavra para um contexto de siginificado que não é logicamente o seu, mas que guarda alguma semelhança ou anamogia, mesmo que discreta, com o contexto original.

Concordamos com La Garza (*Apud* Kohn 2000:116) quando afirma que, para que a filosofia consiga abarcar a complexidade do real ela necessita do discurso lógico, racional, abstrato, científico, mas também, do discurso narrativo, alegórico, metafórico.

A literatura pode, sem perder de vista a sua especificidade, ser trabalhada conjuntamente com a filosofia tanto na educação infantil quanto no nível médio, uma vez que *a obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta, sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo* (Cadermatori, 1986:22-3). A literatura propõe conceitos, reafirma idéias, veicula o patrimônio cultural da humanidade. A literatura infantil *se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade* (Cadermatori, 1986:23).

> A literatura, por sua vez, propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança. A convivência com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico. (Cadermatori, 1986:18-9)

Ao trabalhar com literatura infantil o professor pode ajudar as crianças a pensar melhor, a rever suas opiniões. A literatura infantil proporciona à criança uma experiência rica em situações problemáticas, percepções da realidade e pode permitir a criação e recriação de conceitos, concepção de mundo, a partir das questões que o texto apresenta e que poderá ser suscitada no diálogo que ela realiza com o texto, os colegas e o professor. Neste sentido, é necessário que o professor esteja aberto para perceber as questões filosóficas presentes nas obras literárias.

Autores como Ruth Rocha, Fernanda Lopes de Almeida, Ana Maria Machado, Ziraldo, Lygia Bojunga dentre tantos outros, nos oferecem uma riqueza literária e ainda apontam para reflexões filosóficas. Temas como a morte, o poder, a amizade, a linguagem, a verdade, o amor, o conhecimento, o tempo, o belo, a justiça, o preconceito, etc., presentes em obras literárias, podem e devem ser trabalhados numa perspectiva filosófica com as crianças e os jovens.

O professor deve assumir uma postura dialógica, capaz de perceber a criança como um ser que pensa, que constrói conceitos, discute valores e normas. Deve incentivar a curiosidade natural das crianças e ajudá-las a indagar, a questionar. Mas para que o professor possa ajudar as crianças a refletir filosoficamente é necessário pensarmos na formação destes professores e em propostas que possam orientar a prática docente, não como receita, mas como eixo de reflexão em que o professor e as crianças tenham a liberdade de criar, modificar situações e propor atividades. Não podemos negar às crianças a experiência com a literatura e nem com a filosofia sob pena de estarmos negando a possibilidade de uma formação que leve em conta todas as dimensões humanas.

É importante que o professor compreenda que as crianças elaboram perguntas sobre a realidade que tem, muitas vezes, um

caracter metafísico, lógico e ético. Na conversa com as crianças, nos surpreendemos com perguntas relativas ao tempo, ao espaço e à realidade. São perguntas que dizem respeito ao ser das coisas e são difíceis de responder. Elas também elaboram perguntas lógicas cujas respostas envolvem a dedução, a indução e inferências; são perguntas que estão relacionadas ao raciocínio. No âmbito da ética, as perguntas são relacionadas a questões como: o que é bom? O que é certo? O que é justo? O que é errado? Mesmo que estas perguntas não sejam verbalizadas com os adultos (pais, professores, tios ...) são questionamentos que as crianças fazem para si mesmas. As questões de caráter ético envolvem a ação e a coerência entre o que o professor e o adulto diz e o que faz; as crianças estão interessadas em moral tanto quanto os adultos.

Um exemplo

Daremos um exemplo de como encaminhar uma discussão com as crianças, a partir do livro *A curiosidade premiada,* de Fernanda Lopes de Almeida, que conta a história de Glorinha, uma criança que "sofre de curiosidade acumulada", ou seja, representa a curiosidade natural das crianças em nível ampliado. No início da narrativa, a curiosidade de Glorinha aparece como inconveniente, capaz de desagradar a todos – pais, professora, amigos da família. E como ninguém responde às suas questões, ela pergunta cada vez mais. Até que a mãe de Glorinha, porque não agüenta mais tantas perguntas, resolve consultar Dona Domingas, uma professora, que orienta a família a responder as perguntas, e quando não souberem a resposta, também perguntarem. E toda a família irá perceber o quanto vivem num mundo interessante, conforme afirma o livro. Esta narrativa pode ser trabalhada em sala de aula para apresentar a filosofia às crianças.

O professor pode, antes de fazer a leitura do texto com as crianças, trabalhar a ilustração da capa do livro com perguntas: por que será que a história tem este título? Ouvir com atenção as hipóteses levantadas pelas crianças. Pode-se também perguntar sobre alguns curiosidades dos alunos. É importante escrever no quadro as respostas e curiosidades das crianças. Após a leitura do texto, o professor poderá relacionar a história com as questões levantadas pela turma antes da leitura. O diálogo sobre o texto deve ter como eixo as questões que as crianças levantaram. O professor

deve orientar a discussão problematizando-a, não deve ter a preocupação de responder as questões que irão surgir; seu papel é o de instigar as perguntas e ajudar as crianças a procurarem as respostas. É possível perguntar sobre todas as coisas? É possível encontrar respostas para todas as perguntas? Como devemos formular uma pergunta? Podemos usar os termos *por quê, como, onde,* para formular uma pergunta? Pode haver mais de uma resposta para uma pergunta? O professor deve estar aberto para escutar as razões que as crianças dão para suas perguntas e respostas, e deverá ter respeito para com as questões formuladas pelas crianças, ajudando-as quando não forem claras. A condução do diálogo irá depender do grau de envolvimento que ele conseguirá da turma. Desta forma, uma narrativa poderá ser trabalhada numa única aula como também, pode precisar de mais tempo; o importante é que o professor motive os alunos na discussão. A partir das questões que a turma apresentar maior curiosidade ou desejo de discutir o professor poderá escolher outros livros da literatura para orientar outras discussões.

Como se trata de um trabalho com o texto literário, é bom ter sempre presente que a discussão vai depender da empatia do leitor com a obra. O leitor vai gostar mais deste ou daquele personagem, não vai gostar de outros. Esse gosto tem lá suas razões e ele também pode ser discutido – se os alunos quiserem. Não estamos, desta forma, utilizando a literatura como pretexto para estudar filosofia; ao contrário, estamos dialogando com uma arte que traz em seu bojo questões humanas que podem ser tratadas filosoficamente. E mais que isto, estamos habituando nossas crianças a perguntar, a refletir a partir de situações concretas que a vida e arte nos oferecem.

Sugestão de obras da Literatura Infantil que podem suscitar discussões filosóficas na sala de aula:

Fernanda Lopes de Almeida. *A margarida friorenta;*
A fada que tinha idéias.
Pinote, o fracote e Janjão, o fortão.
Lygia Bojunga. *A bolsa amarela;*
Os colegas;
O sofá estampado.
Ana Maria Machado. *Do outro lado tem segredos;*

Bem do seu tamanho.
Ruth Rocha. *Marcelo, marmelo, martelo e outras estórias;*
O coelhinho que não era da Páscoa;
O rei que não sabia de nada;
O reizinho mandão.
Ziraldo. *O menino maluquinho.*

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil*: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
CADEMARTORE, Lígia. *O que é literatura infantil.* São Paulo: Brasiliense, 1986.
CANDIDO, Antonio. *Vários escritos.* 3. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu).* São Paulo: UNESP, 1973.
GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história.* 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
KOHAN, Walter Omar; KENNEDY, David. (orgs.) *Filosofia e infância:* possibilidades de um encontro. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999 Vol. III
KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernadina Leal. (orgs.) *Filosofia para crianças em debate.* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Vol. IV
KOHAN, Walter Omar; WAKSMAN, Vera. (orgs.) *Filosofia para crianças na prática escolar.* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. Vol. II
LIPMAN, Matthew. *Filosofia na sala de aula.* São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
LÓPEZ DE LA VIEGA, M. Teresa. *Figuras del logos. Entre la filosofía y la literatura.* Madrid: FCE, 1994.
MATTEWS, Gareth B. *A filosofia e a criança.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.
NUNES, Benedito. *Crivo de papel.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.